

RELATO DE CASO DE FELINO FELV POSITIVO COM ESPOROTRICOSE E LINFOMA INTESTINAL

LUIZA LEHMEN¹; JESSICA PAOLA SALAME²; RENATA OSÓRIO DE FARIA³;
MARCIA DE OLIVEIRA NOBRE⁴; LUIZA DA GAMA OSÓRIO⁵

¹Universidade Federal de Pelotas 1 – lulehma@yahoo.com.br

²Universidade Federal de Pelotas – dassi.jessica@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – renataosoriovvet@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – marciaonobre@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – luizaosorio@yahoo.com

1. INTRODUÇÃO

A esporotricose é uma micose zoonótica causada, primordialmente, pela inoculação traumática de fungos do complexo *Sporothrix*, sendo sua casuística descrita principalmente em humanos e pequenos animais domésticos (GREENE, 2015; VETTORATO et al., 2018). Segundo Zhang et al. (2015), a infecção costuma ser precedida de contato com debris de matéria orgânica contaminada, por arranhões e mordidas ou pelo contato de mucosas ou solução de continuidade com exsudato contaminado de lesões de gatos.

O gato é considerado a chave na ecoepidemiologia da esporotricose no Brasil, onde o principal agente etiológico é o *S. brasiliensis* (MACÊDO-SALES et al., 2018). A perpetuação da doença se deve, provavelmente, ao hábito do gato, em afiar as unhas em troncos de árvores e cavar buracos em terra ou areia para esconder seus dejetos, possibilitando a contaminação do felino caso esses estejam contaminados (MENESES, 2012; MACÊDO-SALES et al., 2018). Nesses animais, a infecção pode se dar tanto de forma direta por meio de arranhões ou mordidas durante brigas, brincadeiras ou cópula, quanto de forma indireta, oriunda do ambiente, visto que os felinos têm o hábito de arranhar árvores para trocar as cutículas e, também, que o fungo retorna ao solo após a morte do animal (GREENE, 2015; MACÊDO-SALES et al., 2018).

Os gatos costumam desenvolver a forma disseminada grave da micose, demonstrando a suscetibilidade da espécie ao agente (PIRES, 2017), e apresentam como principais sinais clínicos pápulas, nódulos e/ou úlceras (JONES, HUNT & KING, 2000). Em pacientes imunossuprimidos, especialmente em gatos com FIV (Vírus da imunodeficiência felina) ou FELV (Vírus da Leucemia felina), e humanos HIV positivo, a doença pode se disseminar e causar a morte (BOECHAT, 2013).

O diagnóstico clínico da esporotricose deve ser baseado no histórico e sinais clínicos do animal, aliado à epidemiologia da doença e confirmado através do exame micológico (OROFINO-COSTA et al., 2017).

Nesse presente estudo, tivemos como objetivo relatar um caso de um felino com esporotricose sistêmica com comorbidades de vírus FELV e Linfoma alimentar.

2. METODOLOGIA

Foi atendido um felino, macho, adulto, sem raça definida, errante, de histórico desconhecido, com suspeita de esporotricose no Hospital de Clínicas Veterinárias (HCV-UFPEL). No exame clínico foi observada linfadenomegalia,

hipertermia, abafamento da ausculta pulmonar, lesões de pele e os demais parâmetros dentro do padrão fisiológico para a espécie. Foram coletadas amostras para exame de hemograma e teste rápido para o vírus da Imunodeficiência Felina e Leucemia Felina.

Para a suspeita clínica de esporotricose, foi coletado com *swab* material das lesões, cujas amostras foram encaminhadas para o Laboratório MicVet-UFPEL e analisadas e processadas de acordo com o protocolo laboratorial para diagnóstico de esporotricose. Após resultado laboratorial, foi iniciada terapia, que se manteve até o momento da eutanásia. O material foi encaminhado para necropsia.

Em relação ao tratamento da enfermidade, pode ser realizado com itraconazol e iodetos, que possuem a mesma força de recomendação, porém em função do risco de iodismo, o itraconazol é o fármaco de eleição para felinos. Entretanto, em casos refratários ou avançados da doença, protocolos que associem ambos os fármacos são recomendados (REIS, 2012). Porém, em quadros em que o animal é imunocomprometido, como no caso observado, é possível que o tratamento não seja suficiente para eliminar o fungo do organismo, o que consoa ao trabalho de Boechat (2013). Por este motivo, imunoestimulantes são de grande auxílio no tratamento dos animais com esporotricose. Além disso, deve haver o controle dos parâmetros hepáticos, e, se necessário, alteração do tratamento e utilização de protetores hepáticos. Outro fato, que se soma aos demais, é realizar o controle da dor (VETTORATO et al., 2018). Todas essas alternativas vinham sendo utilizadas no paciente durante o período de realização do estudo, e mesmo assim, não apresentou cura, apenas discreta melhora clínica. Por esse motivo, após dois meses de tratamento o animal foi submetido à eutanásia.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No teste rápido FIV e FELV Alere® a partir da coleta do sangue total do paciente, obteve-se resultado positivo para o vírus da Leucemia Felina.

O diagnóstico presuntivo da doença fúngica levou em consideração, além da epidemiologia da região, a apresentação de sinais clínicos característicos, com lesões nodulares e ulceradas na região do focinho, orelhas, cauda, escroto e regiões distais dos membros posteriores. Já o diagnóstico definitivo deu pelo crescimento de isolado de *Sporothrix* sp., confirmado pelo crescimento de colônias características, pelo dimorfismo e pelas características micromorfológicas.

Na necropsia foram observadas extensas lesões ulcerativas na pele. Histologicamente, observou-se na pele (face, orelhas, membros, cola e escroto), pulmão e testículo, estruturas eosinofílicas, em forma de charuto, morfológicamente compatíveis com formas leveduriformes de *Sporothrix* sp.. A forma extra cutânea (sistêmica), a qual foi diagnosticada neste caso geralmente ocorre nos felinos domésticos. No intestino, foram observadas células neoplásicas, estas apresentavam nucléolo evidente e significativas figuras de mitose por campo de maior aumento. As células neoplásicas estavam infiltrando a mucosa e a submucosa, sendo os achados compatíveis com linfoma alimentar. Animais imunossuprimidos por doenças virais como FIV e FELV são susceptíveis a doenças infecciosas e ou neoplasias (REIS, 2012), o que provavelmente ocorreu neste caso.

4. CONCLUSÕES

O presente estudo relatou um caso de um felino com esporotricose sistêmica associada à comorbidades de vírus FELV e Linfoma alimentar, e sugeriu correlação entre a imunossupressão e a falha no tratamento da micose.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOECHAT, J. S., KITADA, A. A. B., GREMIÃO, I. D. F., PASSOS, S. R. L., SCHUBACH, T. M. P., MACHADO, C. S., PEREIRA, S. A. Esporotricose felina e sua relação com a co-infecção pelo vírus da imunodeficiência felina (FIV) e da leucemia felina (FELV). **34º Congresso Brasileiro da Anclivepa** – CBA. Natal. 2013.

GREENE, C. E. Doenças Infecciosas em Cães e Gatos. 4º ed., p. 678-684. **Guanabara Koogan**. Rio de Janeiro, 2015.

JONES T.C; HUNT R.D; KING N.W **Patologia Veterinária – Sexta edição, ed Manole**. São Paulo. p. 320-323, 537, 538, 1349.

MACÊDO-SALES, P. A., SOUTO, S. R. L. S., DESTEFANI, A. A., LUCENA, R. C., MACHADO, R. L. D., PINTO, M. R., RODRIGUES, A. M., LOPES-BEZERRA, L. M., ROCHA, E. M. S., BAPTISTA, A. R. S. Domestic feline contribution in the transmission of *Sporothrix* in Rio de Janeiro State, Brazil: a comparison between infected and non-infected populations. **BMC Veterinary Research**. 14:19. 2018.

MENESES, M. S. Esporotricose Felina - Relato De Casos. **Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFRSA**. Porto Alegre, 2012

OROFINO-COSTA, R., MACEDO, P. M., RODRIGUES, A. M., BERNARDES-ENGEMANN, A. R. Sporotrichosis: an update on epidemiology, etiopathogenesis, laboratory and clinical therapeutics. **An Bras Dermatol**. 92(5):606-20. 2017.

PIRES, C. Revisão de literatura: esporotricose felina. *Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP*, v. 15, n. 1, p. 16-23, 2017.

REIS, E.G., GREMIÃO, I.D., KITADA, A.A., ROCHA, R.F., CASTRO, V.S., BARROS, M.B., *et al.* Potassium iodide capsule treatment of feline sporotrichosis. **J Feline Med Surg** 2012; 14(6): 399- 404.

RODRIGUES, M. R.; TEIXEIRA, M. de M.; HOOG, G. S.; SCHUBACH, T. M. P.; PEREIRA, S. A.; FERNANDES, G. F.; BEZERA, L. M. L.; FELIPE, M. S.; CAMARGO, Z. P. Phylogenetic Analysis Reveals a High Prevalence of *Sporothrix brasiliensis* in Feline Sporotrichosis Outbreaks. **PLOS Neglected Tropical Diseases**. 7, p. 1-12, 2013.

VETTORATO, R.; HEIDRICH, D.; FRAGA, F.; RIBEIRO, A. C.; PAGANI, D. M.; TIMOTHEO, C.; AMARO, T. G.; VETTORATO, G.; SCROFERNEKER, M. L. Sporotrichosis by *Sporothrix schenckii* sensu stricto with itraconazole resistance



and terbinafine sensitivity observed in vitro and in vivo: Case report. **Medical Mycology Case Reports**.19. p.18-20. 2018.

ZHANG, Y.; HAGEN, F.; STIELOW, B.; RODRIGUES, A. M.; SAMERPITAK, K.; ZHOU, X.; FENG, P.; YANG, L; CHEN, M.; DENG, S; LI, S.; LIAO, W.; LI, R; LI, F.; MEIS, J. F.; GUARRO, J.; TEIXEIRA, M; AL-ZAHRANI, H. S.; CAMARGO, Z. P. de; ZHANG, L.; HOOG, G. S. de. Phylogeography and evolutionary patterns in *Sporothrix* spanning more than 14000 human and animal case reports. **Persoonia**. v. 35, p. 1-20, 2015.